

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA

**BÁRBARA FERREIRA DE SOUZA SILVA**

**ESTUDO DE GÊNERO:  
a inserção da mulher no campo científico da Ciência da Informação no Brasil**

**Rio de Janeiro  
2015**

**BÁRBARA FERREIRA DE SOUZA SILVA**

**ESTUDO DE GÊNERO:**

**a inserção da mulher no campo científico da Ciência da Informação no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Lidiane dos Santos Carvalho

**Rio de Janeiro**

**2015**

S586 Silva, Bárbara Ferreira de Souza  
Estudo de gênero: a inserção da mulher no campo da Ciência da  
Informação no Brasil/Bárbara Ferreira de Souza Silva – 2015.  
53 f.: il.color.

Orientadora: Profa. Dra. Lidiane dos Santos Carvalho

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em  
Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro, Rio de Janeiro, 2015

1. Mulheres na Ciência da Informação 2. Gênero. 3. Ciência  
da Informação I. Título.

CDD 020.82

BÁRBARA FERREIRA DE SOUZA SILVA

**ESTUDO DE GÊNERO:**

**a inserção da mulher no campo científico da Ciência da Informação no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Lidiane dos Santos Carvalho

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Lidiane dos Santos Carvalho (Orientadora)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Profa. Dra. Patrícia Vargas Alencar  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram e me incentivaram até o fim dessa caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para concluir essa caminhada e pela oportunidade de ter ingressado nessa faculdade. Agradeço também por me dado fé para acreditar que chegar até o fim seria possível.

Agradeço aos meus avós, José Antônio e Esther (in memoriam) por todo carinho, amor e dedicação. Vocês são meus exemplos de força que vou carregar por toda vida, de onde estiverem sei que vocês sempre irão me acompanhar e proteger.

Aos meus pais, pelo incentivo e força. Obrigada por sempre me fazerem acreditar que eu era capaz de ser o que eu quisesse ser.

Aos meus irmãos Beatriz e Lucas, por serem meus amigos e companheiros de vida.

Ao meu marido Renan, por todo amor e compreensão durante toda essa difícil jornada, obrigada pelo seu apoio extremamente necessário e por não me deixar desistir.

Aos meus professores da Unirio por dividirem comigo seu conhecimento e por me fazerem entender e amar a profissão que escolhi e abracei para minha vida.

À minha querida professora e orientadora Lidiane dos Santos Carvalho por ter dividido comigo sua experiência e conhecimento com tanto carinho e dedicação. Obrigada por todo apoio e pela segurança que sempre me passou, você ter acreditado em mim fez tudo parecer mais fácil.

Aos meus amigos queridos, presentes que a Unirio me trouxe e que fizeram parte dessa jornada e espero que continuem fazendo parte da minha vida: Fabi, Jane, Pamela, Raíssa e Thayron, obrigada por fazer meus dias na faculdade mais felizes, pelo incentivo e amizade, trago vocês no coração.

Aos bibliotecários, Janete Martins, Mariland Pereira, Samanta Castro e Sérgio Pinheiro, que foram meus supervisores e me ensinaram com carinho e paciência o que é a Biblioteconomia no dia-a-dia de trabalho, obrigada por dividirem suas experiências comigo, levo seus ensinamentos para toda vida.

A todos, muito obrigada!

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo investigar as relações de gênero no campo científico tomando por referência empírica o campo da Ciência da Informação. Como categoria teórica de interpretação das relações de gênero estabelecidas neste campo de conhecimento emprega os conceitos sociológicos como o de “campo e autoridade científica” de Pierre Bourdieu. Aborda as barreiras e dificuldades que as mulheres enfrentam e expõe que até hoje a segregação ainda existe e é pouco discutida. Através da literatura descreve os elementos históricos ocorridos a partir do século XX e o aumento da participação das mulheres na ciência e em áreas acadêmicas. Destaca a influência dos movimentos feministas e da reivindicação de igualdade de direitos acentuados a partir da década de 60. Como método destaca-se a abordagem qualitativa. A coleta de dados parte da observação direta na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) das lideranças e professores dos cursos de pós-graduação. Os resultados apontam para uma grande participação feminina, sendo elas a maioria do corpo docente e das posições de liderança nas universidades e nos Grupos de Trabalho do ENANCIB. Portanto, as mulheres são detentoras da maioria do capital científico e do poder simbólico que circunda o campo científico na Ciência da Informação. Considera-se que este resultado está condicionado a reprodução social das disciplinas, onde as Ciências Humanas e Sociais, historicamente são áreas dominadas por mulheres.

Palavras-chave: Mulheres na Ciência da Informação; Estudos de gênero; Gênero; Comunicação científica

## **ABSTRACT**

This research aims to investigate gender relations in the scientific field taking as empirical reference the field of Information Science. As a theoretical category of interpretation of gender relations established in this field of knowledge employs the sociological concepts like "field and scientific authority" of Pierre Bourdieu. It addresses the barriers and difficulties that women face and explains that to date segregation still exists and is little discussed. Through literature describes the historical elements occurring from the twentieth century and the increasing participation of women in science and academic fields. Highlights the influence of the feminist movement and equal claim accented rights from the decade of 60. As a method stresses a qualitative approach. Data collection of direct observation in Higher Education Personnel Improvement Coordination (CAPES) and National Meeting of Research in Information Science (ENANCIB) of the leaders and teachers of postgraduate courses. The results show a large female participation, and they most faculty and leadership positions in universities and Working Groups ENANCIB. Therefore, women are holding the majority of scientific capital and symbolic power that surrounds the scientific field in Information Science. It is considered that this result is subject to social reproduction of disciplines, where the humanities and social sciences, historically are areas dominated by women.

Keywords: Women in Information Science; Gender studies; Genre; Scientific Communication

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Tabela 1:</b>	Operacionalização da pesquisa.....	18
<b>Grafo 1:</b>	Docentes dos cursos de pós-graduação.....	38
<b>Grafo 2:</b>	Coordenadores dos cursos de pós-graduação.....	39
<b>Grafo 3:</b>	Coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB 2013-2014	40
<b>Grafo 4:</b>	Coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB 2015-2016	40

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação

BRAPCI – Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação

CAPES – Coordenação de Apoio a Pessoal de Nível Superior

CI – Ciência da Informação

ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNB – Universidade de Brasília

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1.1</b>	<b>Objetivo Geral.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1.2</b>	<b>Objetivos Específicos.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1.1</b>	<i>Histórico e segregação.....</i>	<b>21</b>
<b>4.1.2</b>	<i>A mulher na ciência a partir do século XX.....</i>	<b>23</b>
<b>4.1.3</b>	<i>Movimento feminista e as “lutas simbólicas”.....</i>	<b>25</b>
<b>4.2</b>	<b>Sociologia da cultura: Bourdieu e as questões de Gênero.....</b>	<b>27</b>
<b>4.3</b>	<b>Estudos de gênero na Ciência da Informação.....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>36</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
	<b>ANEXO A: Quadro 1: Docentes dos cursos de pós-graduação recomendados pela CAPES.....</b>	<b>45</b>
	<b>ANEXO B: Quadro 2: Coordenadores dos cursos de pós-graduação.....</b>	<b>52</b>
	<b>ANEXO C: Quadro 3: Coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB – 2013/2014.....</b>	<b>52</b>
	<b>ANEXO D: Quadro 4: Coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB – 2015/2016.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A mulher desde o século XV procura espaço e reconhecimento na sociedade. O papel associado à mulher estava associado a cuidar da família, da casa, seus filhos e claro, não tinham poder de decisão na instituição familiar muito menos participação econômica alguma. Esse quadro se estendeu por séculos onde elas buscam até hoje se igualar social e economicamente na sociedade, inclusive no mercado de trabalho. No campo da ciência não foi diferente e somente em meados do século XX ela conseguiu se incluir e se tornar mais participativa na comunidade científica.

Mesmo no século XXI, a inclusão e igualdade da mulher ainda é uma preocupação e em alguns casos mesmo em posições hierárquicas iguais ao homem em uma instituição, recebem salários inferiores ou em outros casos são postas em cargos de subordinação. Mesmo assim estudos relatam que a quantidade de mulheres na ciência tem crescido ao longo das décadas. Isso inclui a participação das mulheres nos cursos de ensino superior, porém de acordo com pesquisas que tratam da relação de gênero na ciência, em se tratando de cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado o número de títulos conquistados por mulheres ainda é muito inferior aos homens.

É possível verificar também que em alguns lugares do mundo, como em países da Europa, mesmo com esse crescimento do número de mulheres na carreira acadêmica, elas necessitam ressaltar sua competência e trabalhar muito além do que os homens para aprovar suas pesquisas. Isso evidencia que a dificuldade da mulher na ciência não se dá por aspectos levantados e relacionados à sua vida pessoal, como a atenção que ela dá a família, filhos, ou ao fato dela engravidar, o esforço para permanecer na carreira acadêmica não está relacionado ao fato da necessidade que a mulher possui de conciliar sua vida pessoal e profissional, na realidade esse quadro é imposto pelas instituições a que elas fazem parte e a consequência desse ato é a segregação.

O intuito dessa pesquisa é verificar através da abordagem teórica das relações de gênero as dificuldades enfrentadas pela mulher para sua entrada na comunidade científica. Para isso, primeiramente verifica-se o conceito de gênero, termo utilizado pelos grupos feministas para fundamentar a organização social. O estudo teórico indica que a participação dos movimentos feministas, a partir da

década de 1960, buscava a igualdade de direitos, o que facilitou inclusive a entrada e o aumento do número de mulheres nas carreiras acadêmicas. No Brasil esse movimento ocorreu na década de 1970, quando houve um aumento do estudo sobre a mulher e principalmente a área da educação levanta essas questões de gênero abordando o sexismo nos livros didáticos. Para entender e contextualizar esse tema, além de buscar os elementos históricos da inserção da mulher na ciência é necessário entender e buscar como a sociedade como um todo e a comunidade científica constroem suas relações.

Segundo a pesquisa, a sociedade foi construída e pautada em conceitos patriarcais e androcêntricos, a dominação masculina é abordada por Pierre Bourdieu como uma construção do mundo social, que leva inclusive em consideração as diferenças biológicas do corpo para a divisão social do trabalho, que em se tratando de áreas dominadas pelo gênero feminino são naturalmente desvalorizadas. Em relação ao campo científico a pesquisa descreve e contextualiza através dos conceitos de campo, capital e *habitus* de Pierre Bourdieu, como ocorre a vida da sociedade como um todo e na comunidade científica, para isso também foram levantados os conceitos de capital científico e capital institucionalizado.

O conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu apoia a compreensão sobre a naturalização de quadros de segregação. O conceito de capital científico nos ajuda a compreender sobre como os indivíduos agem na comunidade científica de modo a acumular reconhecimento e prestígio. Destaca-se a disputa através de uma luta simbólica pelo reconhecimento de seus pares para alcançar o prestígio e a autoridade científica.

O trabalho pretende discutir através da literatura da área, não só como ocorreu a inclusão da mulher na comunidade científica, mas também sua importância e o crescimento dessa participação. Levantar a discussão acerca dos assuntos de gênero é necessário, já que, o assunto não é muito abordado e há ainda poucos estudos a respeito, sobretudo na área da Ciência da Informação.

Dentro desse estudo de gênero e após esse apanhado histórico da evolução da participação da mulher na comunidade científica, o estudo busca a realidade dos gêneros na Ciência da Informação utilizando dados extraídos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mais especificamente, se baseando nos coordenadores e docentes dos cursos de Pós-Graduação das universidades federais do país e que são recomendados na área de Ciência da

Informação. A relação entre capital cultural e campo científico para pensar a inserção da mulher se estabelece na medida em que se questiona a reprodução social, buscando uma compreensão para as perguntas algumas perguntas, entre elas: como as mulheres, no campo da Ciência da Informação se posicionam politicamente no campo? Quais suas posições de liderança e representação científica?

Os procedimentos metodológicos empreendidos buscam elucidar historicamente como ocorreu à inclusão da mulher na comunidade científica. O estudo empírico apresentado consiste na coleta de dados retirados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mais especificamente, se baseando nos coordenadores e docentes dos cursos de Pós-Graduação das universidades federais do país e que são recomendados na área de Ciência da Informação. Também, a liderança política das mulheres no campo da CI é realizada a partir do portal de eventos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). No portal foi possível identificar os coordenadores dos Grupos de Trabalho do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) do ano de 2013 à 2016.

Parte-se do princípio que os docentes/pesquisadores em posição de coordenação estão habilitados pelo campo a agirem como indivíduos autônomos, por meio da concessão de diplomas de doutorado a eles outorgado. A pesquisa e a extração dos dados na CAPES e ANCIB visam investigar através de quadros de dados e grifos o número de docentes e coordenadores dos cursos de pós-graduação e os coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB dividido por gêneros.

Nesse sentido, o resultado desse estudo descreve o cenário da comunidade científica da Ciência da Informação, destacando a participação da mulher nesse campo e ilustrando através dos grifos o gênero mais participativo na docência e coordenação dos cursos de pós-graduação da área, bem como o gênero com maior liderança nos grupos de trabalho do ENANCIB.

## **1.1 Objetivo**

Esta seção apresenta os objetivos dessa pesquisa.

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Investigar as relações de gênero no campo científico tomando por referência empírica o campo da Ciência da Informação.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Entender através dos elementos sócio-históricos levantados na pesquisa, como ocorreu a inserção da mulher na ciência
- Investigar a composição por gênero dos pesquisadores dos nos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil.
- Verificar através dos números dos docentes e coordenadores levantados na pesquisa qual gênero tem mais participação hoje na comunidade científica.
- Avaliar, analisar, fundamentar, verificar a participação do gênero feminino nas lideranças dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia e na liderança dos grupos de pesquisa do ENANCIB.
- Relacionar os conceitos de capital científico e a inserção da mulher nos posicionamentos da estrutura científica.

## 2 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho aborda a inserção da mulher na ciência, e levanta o tema acerca das relações de gênero. Entender o que são grupos sociais, como eles agem e se dividem, é também entender a sociedade como um todo, incluindo no campo científico. O assunto gênero tem sido abordado hoje devido aos fatos relacionados à violência física e psicológica contra a mulher.

Em se tratando de relação social, a sociedade é naturalmente ordenada e hierarquizada, vive-se em grupos sociais estabelecidos pelos próprios indivíduos, o que leva a separação de indivíduos desses grupos. A formação dos grupos sociais e a ordem social que se estabelece, fortalece a segregação e a dominação de determinados grupos em relação a outros. O sociólogo Pierre Bourdieu (2014, p. 12), já dizia que a dominação como é vivenciada é chamada por ele de violência simbólica e invisível com suas vítimas.

Não é difícil no cotidiano entender que esse cenário existe, infelizmente ainda vive-se em uma sociedade em que a segregação é uma realidade latente na forma de preconceito racial, religioso o que inclui também os gêneros. Para a mulher, as dificuldades de se estabelecerem profissionalmente em áreas dominadas por homens ainda é realidade, assim como o não reconhecimento das áreas dominadas por mulheres.

No aspecto científico e social é importante descrever através da pesquisa teórica do tema que ainda há diferenciação de homens e mulheres no campo profissional. E isso pode ocorrer por vários fatores. Desde cedo à mulher é levada a carreiras que sejam vistas como femininas, dentro dos campos das Ciências Humanas e Sociais, outras mais dominadas por homens, como as Ciências Exatas tem as portas mais fechadas para a entrada delas no mercado. Assim desde cedo elas escolhem suas carreiras de acordo com o que lhes é ensinado pela família, escola e sociedade. Por isso é importante ressaltar que temos importantes pesquisadoras no campo da Ciência da Informação, e mais importante ainda, que essas mulheres ultrapassaram as barreiras acadêmicas e possivelmente a diferenciação de gênero.

A escolha do tema veio do interesse de investigar o comportamento dos indivíduos na sociedade, bem como a estruturação dos grupos sociais, além da curiosidade em entender o que é a segregação e como ela ocorre com as mulheres

no mercado de trabalho e na ciência, por isso a necessidade do levantamento histórico feito na pesquisa. Outro interesse no estudo é levantar dados que permitam compreender o cenário da mulher no campo da Ciência da Informação.

Através da pesquisa inicial, foi possível verificar que a literatura sobre gênero ainda é pequena e por isso difícil de ser encontrada, o que pode dificultar a discussão do tema e sua maior abordagem. Encontram-se artigos e estudos que fazem um levantamento da participação de mulheres na comunidade científica e na Ciência da Informação.

Para a Ciência da Informação a importância dessa pesquisa é se conhecer e reconhecer como um campo autônomo (Bourdieu, 2004, p. 21-23) suas especificidades se libertando das imposições externa e acatando suas determinações internas, estruturadas nas lutas e dimensões simbólicas de seu campo. Através do levantamento do número de docentes dos cursos de pós-graduação na área, realizada através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e pelo número de pesquisadoras líderes de grupos de pesquisa no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), é possível descrever em números a participação da mulher na comunidade científica da Ciência da Informação.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pode ser classificada como qualitativa e descritiva por que reúne elementos para colocar em evidência uma determinada estrutura social a luz de pressupostos conceituais existentes. Elege como campo empírico os atores científicos do campo da Ciência da Informação, devidamente representados pelos programas de pós-graduação e os grupos de trabalho do Encontro Nacional em Ciência da Informação (ENANCIB). O procedimento de coleta utiliza duas fontes de informação, a Coordenação de Apoio a Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e foi realizado da seguinte forma:

a) primeiramente mapeou-se o número de docentes alocados em cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e áreas correlatas específicas como a Biblioteconomia e a Arquivologia, reconhecidos disponibilizados pela Coordenação de Apoio a Pessoal de Nível Superior (CAPES) no endereço web [www.conteudoweb.CAPES.gov.br](http://www.conteudoweb.CAPES.gov.br);

b) Distribuição dos docentes localizados na etapa anterior, por gênero masculino e feminino;

c) Distribuição dos docentes atuantes como coordenadores dos cursos de pós-graduação nas áreas acima correlacionadas por gênero;

d) uma segunda coleta de dados foi realizada no site Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) com o objetivo de mapear os coordenadores dos grupos de trabalho e sua distribuição por gênero masculino e feminino.

**Tabela 1:** Operacionalização da pesquisa

<b>Categoria Analítica (Teoria)</b>	<b>Categoria Empírica (Prática)</b>
Autoridade Científica (Bourdieu, 1983).	A posição e distribuição dos atores em posições de liderança (docentes e sua distribuição por gênero de acordo com as suas intuições de pertencimento) a partir da CAPES e ANCIB.

**Fonte:** A autora (2015).

A categoria teórica interpreta a realidade empírica com elementos teóricos bem estabelecidos, por sua vez a categoria empírica fornece ao escopo teórico elementos para a sua validação por meio de descrição empírica da realidade social.

Para dar embasamento a pesquisa foi feito um levantamento histórico de como ocorreu à inserção da mulher na ciência, e posteriormente como isso ocorreu também na Ciência da Informação, que engloba também os movimentos feministas e as lutas simbólicas das mulheres por igualdade de direito.

Para entender como ocorre o reconhecimento e prestígio que um indivíduo alcança na comunidade científica foi preciso levantar e analisar conceitos descritos por Pierre Bourdieu, nesse caso é necessário saber o que é autoridade científica e capital científico. Foi preciso também pesquisar o conceito de capital cultural e *habitus* para saber que os indivíduos em sociedade se dividem desde sempre em grupos sociais que faz fortalecer a segregação, inclusive a de gêneros. O conceito de capital cultural e *habitus* são necessários para esse entendimento de sociedade e ordem social.

Para compreender as dificuldades da inserção da mulher na ciência, é necessário visualizar a ciência como um campo dominado por homens, para dar embasamento a este fato foi necessário investigar os aspectos sociológicos da dominação masculina descrita por Pierre Bourdieu, como um problema de ordem social que divide os indivíduos em grupos sociais o que faz aumentar a distinção entre os seres, ocorrendo à segregação por raça, religião, cor, o que inclui também os gêneros.

Dado o embasamento teórico a pesquisa passa a analisar os dados levantados para apresentar os resultados do estudo. Após a confecção dos quadros com os dados da CAPES e ANCIB, foi utilizado o software *Ucinet*, “que é um pacote de software utilizado para análise de redes sociais” (BORGATTI, S.P., EVERETT, M.G., FREEMAN, L.C., 2002). O software *Ucinet* “gera uma matriz relacional, com base nos dados da matriz dos dados de co-autoria” (CARVALHO, 2014, p. 115). A visualização dos dados gerados pelo *Ucinet* foi trabalhada no software *VOSviewer*, que é um programa de computador gratuito que pode construir mapas de densidade. Com relação aos *grafos*, “o *VOSviewer* automaticamente seleciona com base no peso da densidade do ator e omite os nomes de atores com menor participação no período a fim de oferecer uma melhor visualização dos dados” (CARVALHO, 2014,

p. 123). O software produz o grafo em cores, permitindo visualizar melhor a densidade ou agrupamento dos resultados a serem apresentados.

Cada grafo foi elaborado para a interpretação dos dados inseridos nos quadros, em mapas de densidade que descrevem no resultado o gênero dominante entre docentes e coordenadores dos cursos de pós-graduação na área da Ciência da Informação e dos que estão em lideranças políticas nos Grupos de Trabalho do ENANCIB.

Para leitura e interpretação dos grafos é importante considerar que o gênero masculino está representado pela letra H e gênero feminino pela letra M.

## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Através da abordagem teórica eleita para esta discussão, quer-se recuperar elementos históricos e teóricos da introdução da mulher na ciência e como ela ocorreu. Logo em seguida, reúnem-se os conceitos de campo, capital cultural e *habitus*, capital científico e capital institucionalizado de Pierre Bourdieu para entender os mecanismos e estruturas dos campos científicos e desse modo relacionar a prática científica com enfoque na atuação da mulher nesta atividade.

### 4.1 Contexto histórico cultural dos estudos de gênero

Esta seção visa expor um histórico dos estudos de gênero, desde como ocorreu à entrada da mulher na ciência até a segregação ainda comum nos dias de hoje, além de buscar aporte teórico nos conceitos de campo, capital cultural, hábito e capital científico de Pierre Bourdieu para elucidar a ideia de mundo e grupo social na sociedade e na comunidade científica.

#### 4.1.1 Histórico e segregação

A inserção da mulher na ciência não se deu rápido nem de maneira fácil. De acordo com Lucena (2013, p. 6), “entender a história de gênero [...] ainda contribui para moldar a concepção de poder e como o gênero contribuiu e ainda contribui para moldar a concepção histórica da formação [...] da identidade, [...] de classes, do estado e da própria concepção de construção da nação”.

Pensando pelo lado social, a mulher desde o início é guiada pela sociedade a realizar atividades vistas como femininas. Sua função era cuidar dos afazeres domésticos e criar seus filhos. Segundo Silva (2008, p. 138-139), se olharmos os fatores socioculturais, educativos e psicológicos que formam a experiência de vida de uma mulher, podemos ver que desde a escola a diferença entre os gêneros é reforçada a partir do momento que meninos são direcionados a matérias e atividades ligadas aos campos que estimulam o raciocínio lógico enquanto as meninas são desenvolvidas as habilidades verbais e de relações pessoais ligadas à emotividade, subjetividade ou como determina a autora, atividades irracionais.

É a partir da escola que somos influenciados a futuramente fazer escolhas de acordo com nosso gênero. Levando em consideração essa colocação de Silva (2008, p. 139), esses mesmos alunos quando alcançam a graduação fazem suas escolhas também de acordo com seu gênero e como eles foram guiados desde a escola. Ou seja, homens procuram mais as carreiras ligadas ao raciocínio como os campos das Ciências Exatas e as mulheres procuram mais os campos relacionados ao relacionamento com pessoas como as áreas de Ciências Humanas e Sociais.

Estudar os gêneros é também verificar através da história a posição das mulheres na sociedade, como elas são vistas e quais são os problemas culturais que ainda por vezes as fazem ser invisíveis aos olhos da ciência ou do mercado de trabalho em geral. Assim como explica Silva (2008, p. 134):

Para se entender o problema que existe entre a ciência e as mulheres é preciso, inicialmente, se entender que se trata de um problema de relações sociais de gênero, uma vez que a ciência tem se caracterizado como masculina, ora excluindo as mulheres, ora negando seus feitos científicos (SILVA, 2008, p. 134).

Em seu artigo que fala da invisibilidade da mulher no campo científico Silva (2008) nos esclarece que a questão de gênero na ciência moderna no século XIX, “era influenciada por interesses políticos, econômicos e sociais, que refletem nas questões de gênero e raça” (SILVA, 2008, p. 134). A ciência moderna além de masculina só era permitida aos que tinham classe social alta e isso não incluía as mulheres conforme descreve Silva (2008, p. 135):

Declarada, portanto, as origens e os fundamentos da Ciência Moderna. É uma ciência masculina, androcêntrica, branca, ocidental e localizada nas classes mais abastadas da sociedade moderna, que se auto-institui como supremacia sobre todos os outros saberes, passando a se expressar, imediatamente, na linguagem e nas abordagens teórico-metodológicas, decidindo o que conhecer, para que conhecer e quem pode conhecer. Estabelece-se assim, a exclusão das mulheres no processo de construção do conhecimento científico.

A forma como a ciência moderna se porta demonstra claramente que a mulher é vista como um ser inferior ao homem, fazendo com que a invisibilidade da mulher se torne mais evidente, dificultando assim sua produção científica e apoio à evolução da ciência, apesar do aumento de sua participação na comunidade acadêmica. Para Silva (2008, p. 135) “a universalidade científica traz o homem (no masculino mesmo) como representante da humanidade, considerando a mulher

como variação humana, inferior e incapaz de ocupar esse lugar, devendo ser representada por este homem”.

Ainda se tratando da exclusão da mulher na ciência, Sandra Harding (*apud* Saboya, 2013, p. 4), expõe como os conceitos de sexismo e androcentrismo na ciência impõem barreiras à entrada das mulheres na ciência explicando que [...] os dois conceitos se referem às barreiras que são impostas à inserção das mulheres na ciência [...] e ainda segundo Harding (*apud* Saboya, 2013, p. 4) é mais forte nas ciências exatas, e considera que os homens têm maior facilidade para inserir-se [...] o que confere à ciência um caráter androcêntrico, ou seja, a estrutura social da ciência não apenas exclui as mulheres de seu universo, mas esse universo é historicamente construído no masculino”.

Outra evidência da prática discriminatória contra as mulheres na ciência se dá pelo estudo apresentado por Silbey (2002 *apud* Saboya, 2013, p. 8) onde ele encontrou nos resultados diferenças institucionais, nos salários, espaço, financiamento, com as mulheres recebendo menos que os homens mesmo elas tendo a mesma qualificação profissional e desempenho profissional que eles. Em seu estudo Silbey (2002 *apud* Saboya, 2013, p. 8) provou a existência da discriminação contra as mulheres no Conselho de Pesquisa Médica da Suécia, onde “os resultados indicaram que as mulheres tinham que ser duas vezes e meia mais produtivas que os homens com quem competiam, para que conseguissem receber financiamento”. Saboya reconhece através do estudo de Silbey que as diferenças impostas entre homens e mulheres se devem às próprias instituições e à forma como elas funcionam.

#### 4.1.2 *A mulher na ciência a partir do Século XX*

Por muito tempo a mulher foi inferiorizada e vista como incapaz, de acordo com um estudo realizado por Leta (2003, p. 271), sobre as mulheres na ciência brasileira, historicamente a ciência sempre foi vista como uma atividade para homens. Apenas no século XX foi vista uma mudança desse quadro pela necessidade crescente de recursos humanos em atividades estratégicas, o que inclui a ciência. Isso ocorreu também pelos movimentos que pediam igualdade de direitos entre homens e mulheres o que acabou facilitando a entrada delas na educação e carreira científica, que até então eram ocupadas apenas por homens.

A mulher foi por muito tempo ignorada na sociedade e vista como incapaz para o trabalho científico, não reconhecer que ela pode acrescentar muito a ciência é também ignorar que seu conhecimento pode trazer novas descobertas em diversos campos.

A introdução da mulher na ciência no século XX também se deu ao fato de que “a Ciência passou a receber duras críticas, o que permitiu o ingresso das mulheres nas atividades acadêmicas, [...] vale ressaltar, que continuava-se a desconsiderar as relações de gênero quanto à metodologia, o conteúdo da pesquisa e a distribuição das posições de poder entre homens e mulheres” (SILVA, 2008, p. 137).

Segundo Lucena (2013, p. 1), “a História das Mulheres dentro da análise da categoria de gênero é um estudo intrinsecamente político [...], mas uma política não limitada a partidários ou a edificação de um “sujeito mulher”, mas as suas práticas dentro e fora dos espaços da política, ou seja, dos espaços públicos”. Além do aspecto político Lucena evidencia que a questão de gênero é construída também através da cultura da sociedade, “a mulher percebeu que ser homem ou mulher não é apenas uma questão biológica e sim cultural. O gênero é uma construção e as relações de poder é que transformam homens e mulheres em sujeitos” (LUCENA, 2013, p. 2).

Tendo em vista a historicidade dos conceitos de sexo e gênero, e da percepção cultural das distinções sexuais, citados no artigo de Saboya (2013, p. 2-3) pode-se verificar a importância da cultura na construção do pensamento da sociedade através do seguinte trecho:

[...] a cultura é a chave para que se possa entender não apenas as diferenças e semelhanças entre os sexos, mas também como essas semelhanças e diferenças se transformam em relação de dominação e poder, igualdade ou desigualdade e, também como, a partir da construção das relações de poder dentro de cada sociedade, se estabelece o que será aceitável ou não, em termos comportamentais (SCOTT, 1995, apud SABOYA, 2013, p. 3).

É importante analisar através dos autores citados que o conceito de sexo e gênero é um processo puramente cultural, onde de forma natural já é imposta uma diferenciação entre os indivíduos. Apesar dos movimentos de luta para inserir a mulher na vida científica e acadêmica a diferenciação de gêneros existe ainda hoje. Segundo Silva (2008, p. 138), apesar das críticas as ciências e da pressão dos

movimentos de luta a favor da mulher, o mundo científico ainda reproduz um cenário antigo de desigualdade e discriminação. A presença da mulher em postos de maior responsabilidade ainda é muito inferior se comparado ao número de homens, o que inclui no campo científico.

#### *4.1.3 Movimento feminista e as “lutas simbólicas”.*

O trabalho propriamente político da formação de grupos segundo (Wacquant, 2013, p.80) chama nossa atenção para “a grande variedade de técnicas de agregação simbólica e de instrumentos de reivindicações, por intermédio das quais as fronteiras são desenhadas e obedecidas, da mesma maneira que uma população é forjada num coletivo, que uma "classe no papel" transforma-se (ou não) em uma classe real, dotada da capacidade de movimentar seus (supostos) membros, expressar demandas e agir enquanto tal no cenário histórico”. Nesse sentido, o movimento feminista na década de 1960 trouxe um conjunto de ideologias, as mulheres queriam ser vistas pela sociedade como sujeito e ditar novas regras sócio culturais. Assim como explica Saboya (2013, p. 1-2) a respeito do movimento feminista surgido nessa década:

De um lado, o feminismo, por meio de suas lutas específicas, chamou a atenção para a desigualdade política, jurídica, social e econômica das mulheres; de outro, foi a fundo em suas reflexões sobre a desigualdade, possibilitando o aparecimento de trabalhos sobre relações de gênero e mulher, pondo em xeque argumentos historicamente tomados como naturais.

Outro aspecto dessas mudanças trazidas pelo movimento feminista se dá pelas grandes mudanças na estrutura familiar, ocorridas após a década de 60 através de movimentos como o de emancipação feminina (ESPÍRITO SANTO, 2008, p. 318). Segundo Espírito Santo, esses movimentos influenciaram muito o meio acadêmico, principalmente nos Estados Unidos e Europa.

Segundo Louro (1994, p. 31), acompanhando um movimento internacional, surgiram no Brasil na década de 1970, grupos de estudo no meio acadêmico que passaram a discutir as questões da mulher, que em virtude do momento em que se encontrava o país, lutavam não só por igualdade de direitos, lutavam também por questões sociais, como a anistia, o aumento do custo de vida, etc.

A partir da movimentação das mulheres para mudar sua situação perante a sociedade o quadro começa a mudar e com o tempo elas começam a conquistar

espaço em locais de discussão social como às universidades, vencendo as barreiras de uma sociedade machista e patriarcal. O movimento feminista buscava mudar a concepção da sociedade de que as mulheres eram inferiores aos homens e que elas também contribuíam para a sociedade como um todo assim como descreve Lucena (2013, p. 5):

Eram as lutas pelas independências políticas que influenciavam o campo subjetivo e serviam para as teorias feministas que se mostravam preocupadas em desmascarar os preconceitos masculinos, assim como enfatizar a contribuição feminina para a cultura, que por muito tempo esteve praticamente invisível na grande narrativa tradicional.

Assim elas se tornaram sujeitos do conhecimento e participantes da comunidade científica. Foi a partir dessa década que houve um aumento substancial no número de mulheres matriculadas no ensino superior, porém quando se trata de pós-graduação, mestrado e doutorado há uma grande queda nesse número.

Através de Rossiter (1982, apud. SABOYA, 2013, p. 6), podemos ver a realidade da área acadêmica mesmo com o aumento do número de mulheres através da afirmação a seguir:

[...] o primeiro dado que chama atenção dos analistas é o desaparecimento das mulheres ao longo da carreira, isto é, quanto mais se sobe na carreira científica, menor é o número de mulheres em cada patamar. Atualmente, embora consideradas ilegais na Europa, nos Estados Unidos e em muitas outras partes do mundo, ainda permanecem as barreiras formais contra o acesso das mulheres ao trabalho e pesquisa científica em seus diferentes ramos, à diplomação, à publicação, aos contratos laboratoriais e aos conselhos das sociedades científicas.

Uma pesquisa realizada por Velho e León (1998, p. 311-316) indica que apesar de um crescente número de mulheres na pós-graduação há também um número baixo de conclusão dos cursos, o que retrata que há uma crescente taxa de evasão, visivelmente maior que a dos homens. O estudo descreve que isso acontece apenas em algumas áreas do conhecimento, Engenharias, por exemplo, são frequentadas mais por homens, não porque elas queiram, mas pelo fato de que as portas de entrada para essas carreiras são mais difíceis para as mulheres, diferente das Ciências Sociais onde os títulos em maior parte são dados a mulheres.

No Brasil, um estudo feito por Ristoff (2008 apud Saboya, 2013, p. 13-14), faz um levantamento da participação da mulher na educação superior brasileira. O estudo descreve que em cursos como Agronomia, Ciências Econômicas, Computação, Educação Física, todos os grupos da Engenharia, Filosofia, Física, Música e Zootecnia, possuem em sua maioria a participação de homens, chegando

a uma taxa de 70% em 9 de 15 cursos nessas áreas. No que tange à docência dos cursos superiores, Ristoff concluiu que a mulher ainda é minoria no quadro de docentes, porém o número de mulheres tem crescido 5% a mais que os homens por ano, o que significa que seguindo essa tendência, as mulheres podem ser a maioria na docência dentro de no máximo 5 anos.

Ainda há na sociedade atual uma diferenciação de gênero o que promove uma desigualdade inclusive no mercado de trabalho. Esse tema ainda é amplamente discutido e ainda há uma preocupação com essa divisão social. Um estudo feito por OLINTO (2012, p. 68), sobre a inclusão das mulheres em carreiras de ciência e tecnologia descreve que órgãos como a OCDE e a UNESCO promovem estudos e políticas sociais, e que a “promoção de igualdade de gênero consta em terceiro lugar entre os oito grandes objetivos do milênio estabelecido pelas Nações Unidas”.

#### **4.2 Sociologias da cultura: Bourdieu e as questões de Gênero**

*Gênero (gender). s., apenas um termo gramatical. Seu uso para falar de pessoas ou criaturas do gênero masculino ou feminino, constitui uma brincadeira (permissível ou não, dependendo do contexto) ou um equívoco (Fowler, Dictionary of Modern English Usage, Oxford, 1940 apud Scott, 1995).*

Para iniciar o estudo das questões de gênero é necessário em primeiro lugar entender o significado de gênero em vários aspectos que propõe a construção social. Scott em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, ressalta que a interpretação da palavra depende da imaginação humana em fixar um significado a palavra, isso faz com que se abra uma margem a diversas interpretações do que é gênero, de forma as vezes, até errônea. Segundo Scott (1995, p. 72), “através dos séculos, as pessoas utilizaram de modo figurado os termos gramaticais para evocar os traços de caráter ou os traços sexuais”. Um dos exemplos dados por Scott vem dos movimentos feministas, “que começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 72).

Segundo Louro (1994, p. 31), com o surgimento dos movimentos feministas, aqui no Brasil na década de 1970, surgiram grupos de estudo para entender as questões da mulher e a relação homem/mulher. Mais tarde foram criados grupos de estudo nas universidades, que pesquisavam essas questões na área da educação,

inclusive ao que diz respeito à socialização de meninas e o sexismo em livros didáticos.

Para Bourdieu (2014, p. 24), em sua obra “A dominação masculina”, outro aspecto do conceito de gênero se encontra no mundo social, “que constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes”. Para Bourdieu, a diferença biológica entre os sexos, inclusive no que diz respeito a sua anatomia, “pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho”.

Para Olinto (1995, p. 33), “a questão de gênero tem sido tratada na literatura sobre classe como um elemento perturbador: não pode ser ignorada porque atua juntamente a classe social na explicação de desigualdades sociais. Bourdieu também descreve através da questão da segregação social de que profissões com maior número de mulheres sofrem uma desvalorização. Segundo Olinto (BOURDIEU, 1979, *apud*. OLINTO, 1995, p. 33), para Bourdieu o sexo, é assim, um dos “critérios escondidos” acionados no mercado de trabalho, sendo assim ele também “aborda a questão da segregação sexual das profissões e a desvalorização social (redução de capital simbólico) daquelas em que existe uma proporção significativa de mulheres [...] as profissões que se feminizam perdem o seu valor social [...]”. As profissões com maior número de mulheres tende a ter uma baixa hierarquia em termos de classe social, por isso, classe social teria um perfil de gênero.

Para Bourdieu (2014, p. 22), vivemos um esquema de ordem social, onde há uma divisão social entre os sexos, que são tidas como naturais. Bourdieu expõe que a dominação masculina fica evidente pelo fato dela não necessitar de legitimação, “a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de enunciar em discursos que visem a legitimá-la”. Ainda sobre a ordem social, Bourdieu a descreve como uma “máquina simbólica” da dominação masculina que leva ao seguinte cenário:

[...] divisão sexual do trabalho, distribuição [...] das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, [...] ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos.

Todas essas relações e estudos feitos acerca do que é gênero devem ser considerados como uma relação social antiga, que vem da nossa cultura enraizada vinda dos nossos antepassados. A sociedade se formou num conceito androcêntrico e patriarcal, assim como na ciência, que foi formada por homens e para homens.

Os estudos sociais da ciência, elaborados por Pierre Bourdieu investigam os seguintes pressupostos o primeiro de que a cultura é influenciada pelas formas de vida instauradas no cotidiano, em um sistema de aquisição de regras mais ou menos transponíveis denominada por Bourdieu de *habitus*. O segundo é de que o *habitus* é incorporado pelas estruturas cognitivas de modo imperceptível, no cotidiano. Nesse sentido, as formas de capital e sua aquisição são influenciadas pelas estruturas do campo social. O terceiro é de que é no campo social as lutas são simbólicas, no sentido de que nem sempre está explícito o jogo de poder intrínseco nos interesse entre os atores sociais.

Neste cenário, a ciência como uma atividade social está suscetível as influências do campo social. Segundo Carvalho (2014, p. 79), Bourdieu reuniu um conjunto de teorias de diversos pensadores das áreas da filosofia, antropologia, ciência, política e economia para pensar como ocorre a produção científica. Para isso Bourdieu constrói conceitos para pensarmos o espaço social da ciência, são eles: campo, capital e *habitus*.

Para Bourdieu (1983, p. 122), “a ciência é um campo social como outro qualquer, com sua relação de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros”. Bourdieu (2004, p. 28 *apud*. CARVALHO, 2014, p. 80), “esclarece que o campo científico é autônomo para produzir ciência, mas que ainda não é possível difundi-lo para a sociedade sem “prestar contas” aos mecanismos reguladores do campo jurídico e econômico. Nesse sentido, são lugares de relações de forças, que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas”.

O que comanda as intervenções científicas, os lugares de publicação, os temas que escolhemos os objetos pelos quais nos interessamos etc. A estrutura das relações objetivas entre os agentes determina o que eles podem e não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição.

Esse senso do jogo é [...] um senso da história do jogo, no sentido do futuro do jogo. Como um bom jogador de *rugby* sabe para onde vai a bola e se põe lá onde a bola vai cair, o bom cientista jogador é aquele que, sem ter necessidade de calcular [...] faz as escolhas que compensam (BOURDIEU, 2004, p.23; 28 *apud* CARVALHO 2014, p. 80).

Segundo com Olinto (1995, p. 24), o conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu é uma análise do que é o *habitus*, verificando as condições sociais e uma mudança que favorece a mobilidade social, ou seja, o capital cultural serve para analisar as classes sociais. Olinto (1995, p. 33) explica através de Bourdieu que na cultura em que vivemos há um favorecimento ao fechamento de grupos sociais e isso faz com que afastemos pessoas de grupos. Podemos dizer que as diferenças de gênero entram nessa diferenciação de classes.

O Capital Científico nada mais é que um capital simbólico, que leva o cientista ao reconhecimento em seu campo por seus pares, através do que é produzido por ele e posteriormente reconhecido e citado. Para Bourdieu “cada campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital” (sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares/concorrentes no interior do campo científico (o número de menções do Citation Index, medalhas, Prêmio Nobel, traduções etc.) (BOURDIEU, 2004, p. 24; 26, *apud* CARVALHO, 2014, p. 80).

Em outras palavras, segundo Carvalho (2014, p. 80) “os agentes (indivíduos ou instituição) caracterizados pelo volume de seu capital científico determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes [...]. Portanto, a estrutura é determinada pela distribuição do Capital Científico” (BOURDIEU, 2004, p.24).

O mundo da ciência, para Bourdieu (2004, p. 34 *apud* Carvalho, 2014, p.81) “assim como o mundo econômico, conhece relações de força, fenômenos de concentração do capital e do poder, ou mesmo de monopólio, relações sociais de dominação que implicam uma apropriação dos meios de produção e reprodução”. Em sua tese Carvalho expõe a exemplificação das duas espécies de Capital Científico abordadas por Bourdieu, que têm leis de acumulação de capital diferentes:

(i) o Capital Científico “puro” adquire-se, principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas (as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto aptos a conferir prestígio); (ii) o Capital Científico institucionalizado, que se adquire por estratégias políticas (BOURDIEU, 2008, p. 35 *apud* Carvalho, 2014, p. 81).

Segundo Carvalho (2014, p. 81) “as formas de transmissão entre as duas formas de capital, também são diferenciadas”, seriam elas o Capital Científico puro e o Capital Científico institucionalizado. Segundo Bourdieu (2008, p. 35 *apud* Carvalho

2014, p. 81), o Capital Científico puro tem “qualquer coisa de impreciso e permanece relativamente indeterminado, tem sempre alguma coisa de carismático (na percepção comum está ligada à pessoa, aos seus ‘dons’ pessoais, e não pode ser objeto de uma portaria de nomeação)”. Já o Capital Científico institucionalizado, de acordo com Bourdieu, possui regras similares de transmissão que qualquer outra espécie de capital burocrático, que podem ocorrer de fato, por exemplo escolher um candidato através de uma “eleição pura”.

O que ambos têm em comum segundo Carvalho (2014, p. 82), “é o fato de se constituírem em um processo lento de acumulação e estarem envolvidas em formas invariantes da luta pelo monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social”.

Segundo Bourdieu (1983, p. 127, 131 apud Carvalho 2014, p. 82), o conceito de autoridade científica pode ser definido como “a capacidade técnica e poder social; ou ainda o monopólio da competência científica entendida como a capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado”. É a autoridade científica que é avaliada e permite que seja dado aos produtores de conhecimento “reconhecimento e prestígio, como premiações, certificações (diplomas), entre outros dispositivos particulares de cada subcampo da ciência que atuam como indicadores de reconhecimento da competência científica”.

Segundo Bourdieu (2014, p. 11), é impressionante ver que certas condições de existência ainda possam ser vistas como aceitáveis ou naturais. Ainda vivemos em uma ordem social estabelecida e com relações de dominações de alguns grupos frente a outros. Para ele, a dominação masculina do modo como é imposta é uma violência simbólica e invisível as suas vítimas. Pode-se dizer que no jogo científico, onde a busca é sempre relacionada à disputa pela autoridade científica, há uma relação de dominação em determinadas áreas do conhecimento. O conceito de poder simbólico segundo Bourdieu (1979, p. 8), é um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Se tratando da carreira acadêmica é possível verificar que o número de mulheres que ingressam nos cursos superiores tem aumentado, porém, a taxa de evasão nos cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado ainda são grandes. É possível verificar também que determinadas áreas do conhecimento são dominadas

por homens, áreas essas que são de difícil acesso para as mulheres. É possível verificar no estudo de Velho e León (1998, p. 311) sobre “a construção social da produção científica por mulheres”, que desde a década de 1960, houve um aumento substancial no número de mulheres ingressantes nos cursos de ensino superior. A proporção de homens e mulheres diminui na pós-graduação, o que se vê é que não há um aumento proporcional do número de títulos recebidos por mulheres se relacionado aos homens.

Segundo Silva (2008, p. 135), a problemática de gênero influencia tanto na produção de conhecimento científico que estabelece locais hierárquicos nas Ciências Naturais e Exatas e nas Ciências Sociais e Humanas. Em seu artigo ela expõe que: “As primeiras denominadas de “duras” são[...] reconhecidas como superiores [...] ciências que os homens [...] se ocupam. As segundas, denominadas de “moles”, tratam dos feitos humanos [...] e são mais “adequadas” às mulheres”.

Um estudo realizado por Leta e Martins (2008 apud Saboya 2013, p. 15), “apoiado no conceito de campo de capital científico de Pierre Bourdieu expõem a evolução do número de docentes permanentes na pós-graduação no Brasil de 1987 a 2003”. O foco de estudo é descrever a participação da mulher no campo científico no Brasil apresentando os resultados da pesquisa da seguinte forma:

[...] os dados de distribuição por sexo e área do conhecimento, do total de docentes da UFRJ em 2007 e dos 1.946 docentes-orientadores nos 71 programas de pós-graduação para o período de 2000 a 2002, para, em seguida, analisando o tema mulheres e capital institucional, [...] isto é, a média de publicações por docente-orientador da UFRJ em 2002, separada por sexo, para as áreas de Engenharia, Exatas, Humanas, Letras & Artes e Biológicas [...].

A pesquisa de Leta e Martins (2008 apud Saboya 2013, p. 15), só ressalta a importância do aumento das pesquisas que abordam os estudos de gênero, é necessário descobrir o porquê em determinadas áreas do conhecimento ainda há uma dominação de homens, de forma a entender o motivo pelo qual há uma preferência natural de mulheres para determinadas áreas bem como em cargos de menor prestígio na academia.

### 4.3 Estudos de gênero na Ciência da Informação

Pautada na informação e no conhecimento, a Ciência da Informação, não se prende a uma área de conhecimento, ela é interdisciplinar, surgida da necessidade de ordenar e disseminar a informação para assim torná-la cada vez mais acessível (DIAS; LIMA, 2012, p. 2).

Segundo Capurro (2003, apud Espírito Santo, 2008, p. 318), o objeto da CI é a relação entre os discursos, áreas de conhecimento e documentos em relação às possíveis perspectivas ou pontos de acesso de distintas comunidades de usuários. Ainda segundo Capurro, dentro dessa comunidade de usuários estão as mulheres, grandes consumidoras de informação e, portanto, seu comportamento deve ser estudado.

Através da Base de Dados Referencial de Artigos de Periódico em Ciência da Informação (BRAPCI), uma das utilizadas para a pesquisa de artigos relacionados ao tema, verifica-se que artigos com palavras-chave como mulher, gênero, feminino sexo e informação, ainda são poucos e por isso, difíceis de serem encontrados. Esse fato indica que assuntos relacionados ao gênero ainda são muito pouco abordados na área da Ciência da Informação, o que dificulta o estudo e aprofundamento no assunto.

Segundo Ferreira (2003, p. 193), pesquisas sobre a mulher e gênero ainda são limitadas, tornando difícil a discussão do tema, “já que as profissionais da informação, em geral, não relacionam a desvalorização social da profissão com o fato dela ser uma categoria predominantemente feminina.” Ferreira ainda esclarece que o assunto ainda não é discutido pelos profissionais da área que ainda não se deram conta de que as relações de gênero, assim como a de classes e etnias devem ser amplamente debatidas, revistas, estudadas e incluídas nos cursos de Biblioteconomia.

Segundo um estudo Velho e León (1998, p. 312-314), é visto que o número de mulheres na carreira de Ciências Sociais é maior, onde se pode incluir a Ciência da Informação. De acordo com o mesmo estudo ainda se busca uma explicação do porquê as mulheres não avançam na carreira acadêmica de forma tão rápida quanto o homem mesmo com o número crescente de mulheres que ingressam nos cursos superiores.

No Brasil, a entrada das mulheres nas universidades avançou com a industrialização no país, quando o governo brasileiro liberou o acesso em 1887 (FERREIRA, 2003, p. 193). Nesse momento a mulher percebe que suas escolhas são determinadas pelas relações de gênero e assim elas escolhem as profissões reconhecidas como femininas, que inclui as mulheres que optavam pela Biblioteconomia. Ferreira (2013, p. 194) ainda ressalta que ao longo da história, as profissões ditas como femininas enfrentaram muitas dificuldades, sendo necessário que a mulher comprovasse permanentemente sua competência para entrar no mercado de trabalho, e finaliza dizendo: “[...] esse mercado é a marca principal das sociedades de classe que têm na distribuição de riqueza, poder e conhecimento, fatores que contribuem [...] para uma distribuição desigual de competências e recompensas, assim como a hierarquização do poder”.

Alguns estudos explanam a realidade em números do estudo de gêneros na área da Ciência da Informação. Um dos estudos encontrados, realizado por Espírito Santo (2008, p. 317; 327), faz um levantamento das pesquisas com foco nos estudos de gênero no Brasil no campo da Ciência da Informação, especialmente trabalhos apresentados nos ENANCIBs entre 2000 e 2007. A autora percebeu que são poucos os pesquisadores interessados no tema gênero, no período pesquisado foram encontrados “18 artigos publicados por autores de outros países em 14 revistas internacionais, seis publicados em revistas nacionais e quatro apresentados em ENANCIBs”.

Também seguindo essa temática, o estudo apresentado por Bufrem e Nascimento (2012, p. 199; 211), verifica a presença da mulher como produtora de informação científica e analisa como a temática de gênero vem sendo abordada na Ciência da Informação. Utilizando a BRAPCI, o estudo visa relatar a frequência com que o assunto é abordado e os autores mais produtivos entre 1972 e 2011. É percebido ao final do estudo um aumento no número de artigos sobre o tema no decorrer dos anos, foram encontrados 74 artigos, com 102 autores distintos e 111 autorias, na maioria mulheres

Para Espírito Santo (2008, p. 319), não se pode ignorar que ainda hoje, as relações entre gêneros permeiam qualquer interação social e são baseadas em desigualdades. Segundo Scott (1995 apud ESPÍRITO SANTO, 2008, p. 318), “gênero [...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças

percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

No que diz respeito à profissionalização e mercado de trabalho, Olinto (1997, p.2 *apud* FERREIRA, 2013, p. 195) defende que a análise desse tema permite compreender a desvalorização da Ciência da Informação por se tratar de uma área historicamente dominada por mulheres e que essa é também uma característica dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação. Olinto afirma que mesmo com um aumento do número de homens ingressantes nos cursos da área, a presença de mulheres é ainda massiva.

Através desse estudo pode-se verificar que o assunto gênero ainda é pouco abordado e que pesquisadores que estudam o tema ainda publicam pouco seus artigos. Isso faz com que a sociedade em geral não tenha acesso à informação e ao conhecimento de que a desigualdade de gênero é e continuará sendo um assunto atual e que ainda precisa ser muito evidenciado.

Fazendo o levantamento desse apanhado histórico, da inserção da mulher na ciência e dos estudos sobre o assunto que ainda são escassos na Ciência da Informação, entende-se que a mulher ainda está em desvantagem na ciência mesmo tendo aumentado seu acesso à carreira acadêmica.

É preciso buscar números que comprovem o que ocorre na Ciência da Informação nesse aspecto e a presença feminina nesse campo. Para isso a presente pesquisa expõe mais à frente dados levantados que irão explanar quem são os docentes e lideranças políticas na Ciência da Informação.

## 5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

*[...] isto é, na estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital, que são também armas — governa as representações desse espaço e as atitudes adotadas nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo (Wacquant, 2013).*

Após a pesquisa histórica acerca das relações de gênero e suas abordagens por pesquisadores que estudaram o tema pode-se detectar que apesar de poucos estudos na área é possível verificar que o campo científico e o meio acadêmico foram por muito tempo dominado apenas por homens. Apesar das dificuldades em se inserir na ciência, a mulher conquistou o seu espaço e busca até hoje reconhecimento na área.

Nas pesquisas abordadas nesse estudo de caso, também pode-se verificar que as áreas dominadas por homens são mais valorizadas, no entanto as dominadas por mulheres ainda enfrentam a falta de reconhecimento e por muitas vezes são inferiorizadas. Como anteriormente citado, Ferreira (2003, p. 193) leva a reflexão se a área da Biblioteconomia é desvalorizada por ser uma área com presença massiva de mulheres.

A partir dessa pesquisa e do material teórico que foi levantado, foi possível entender segundo os conceitos de Bourdieu, que o campo científico é um mundo social como outro qualquer, pode-se comparar esse conceito ao capital cultural e *habitus*, que é a divisão dos indivíduos em grupos sociais. Essa lógica trás o entendimento de que alguns grupos são dominadores e outros dominados, e por isso há um cenário de segregação na ciência, já que desde seus primórdios ela foi criada por homens. É compreendida também a importância do capital científico para esses indivíduos, o conceito da luta simbólica no campo visando o prestígio e reconhecimento que levam a autoridade científica.

O estudo de gênero proposto parte da coleta de dados realizados na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) das lideranças e professores dos cursos de pós-graduação. Retomamos o pressuposto inicial da pesquisa no sentido de elucidar na estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital, que são também armas que governam as representações desse espaço e as atitudes adotadas nas lutas para conservá-lo ou transformá-lo.

Após o mapeamento dos dados, as informações foram dispostas em tabelas (Anexo), que dividem os docentes de pós-graduação, coordenadores de pós-graduação e coordenadores de Grupos de Trabalho do ENANCIB por gênero (Homem e Mulher). Foram escolhidos a CAPES e o ENANCIB, por se tratarem de um órgão e um evento de reconhecimento na área, podendo assim delimitar o estudo em indivíduos que possuem capital científico na área da Ciência da Informação.

O levantamento desses dados visa à compreensão do cenário da Ciência da Informação com relação ao seu campo científico e ao gênero, detentor em maioria, do capital científico e da liderança política da área. A Ciência da Informação e suas áreas como a Biblioteconomia e a Arquivologia fazem parte do grupo das Ciências Humanas, que de acordo com o estudo levantado até agora é dominado por mulheres.

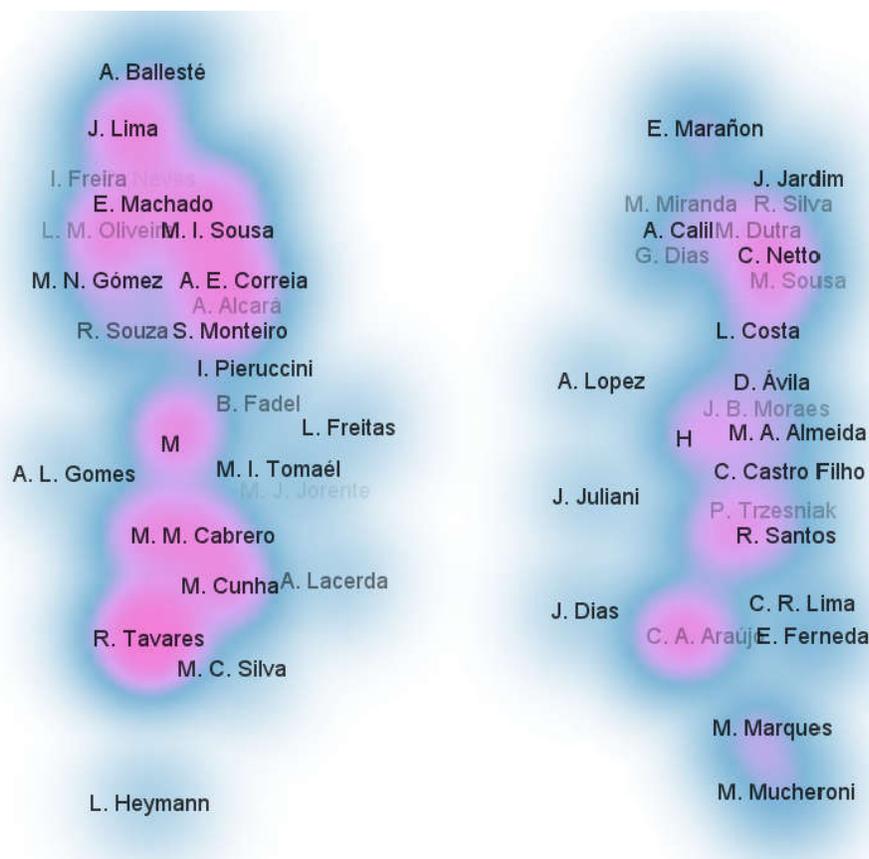
Como apresentado anteriormente nos Procedimentos Metodológicos, após a distribuição dos dados nas tabelas foi utilizado o software Ucinet para análise dos dados e para a confecção dos grafos, foi utilizado o software VOSViewer, que permite a visualização dos dados através de um mapa de densidade.

Cada grafo foi elaborado para a interpretação dos dados das tabelas em mapas de densidade que descrevem no resultado o gênero dominante entre docentes e coordenadores dos cursos de pós-graduação na área da Ciência da Informação e dos que estão em lideranças políticas nos Grupos de Trabalho do ENANCIB. Para leitura e interpretação dos grafos é importante considerar que o gênero masculino está representado pela letra H e gênero feminino pela letra M.

O Quadro 1 que deu origem ao primeiro grafo, faz um levantamento geral do quadro de docentes dos cursos de pós-graduação na área de Ciência da Informação. O grafo 1 apresenta um mapa de densidade em cores, que foi utilizado para facilitar a visualização dos dados por se tratar de um número grande de docentes. O grafo apresenta duas manchas que ilustram essa realidade, o lado esquerdo é a representação da quantidade de mulheres e o lado direito a quantidade de homens no corpo docente da Ciência da Informação. A mancha rosa maior no lado esquerdo, que representa as mulheres, ilustra que esse gênero está em maior número na docência da área. O Quadro 1 permite verificar que no total dos 14 cursos indicados pela CAPES apresentam em atividade 279 docentes, dos quais

172 são mulheres e 107 são homens. Abaixo pode-se visualizar o grafo que apresenta esse quadro geral.

**Grafo 1:** Docentes dos cursos de pós-graduação

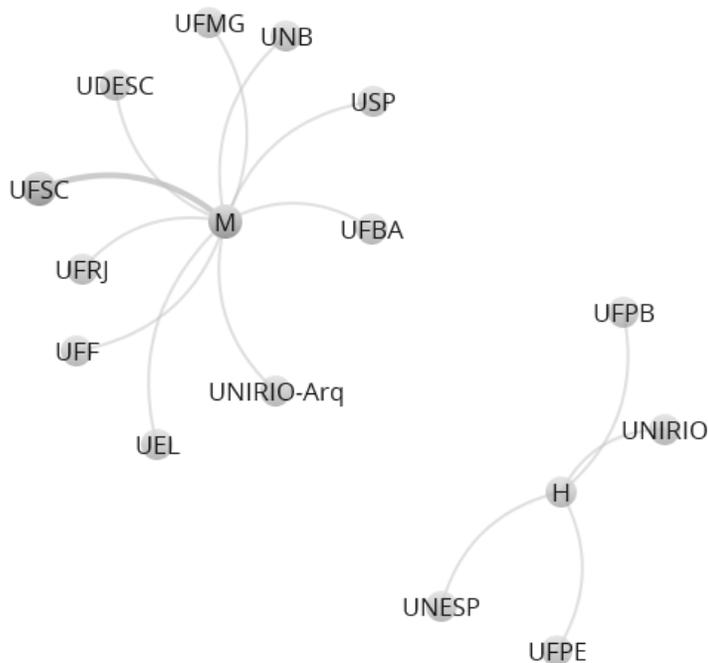


**Fonte:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (2015)

Apesar de haver um número maior de mulheres, é visto que o número de homens também não está tão abaixo, tendo esse gênero também uma grande participação na área.

Após o levantamento dos docentes foi possível mapear os coordenadores dos mesmos cursos de pós-graduação, os dados que originaram o Quadro 2 possibilitam verificar não apenas o gênero em si que se encontra em maior número, mas sim, os que estão em posição de liderança nos cursos de pós-graduação das instituições citadas. O Grafo 2 que se encontra a seguir ilustra esse caso em que se pode ver facilmente que a coordenação dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação possui em sua liderança mais mulheres que homens.

**Grafo 2:** Coordenadores dos cursos de pós-graduação



**Fonte:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (2015)

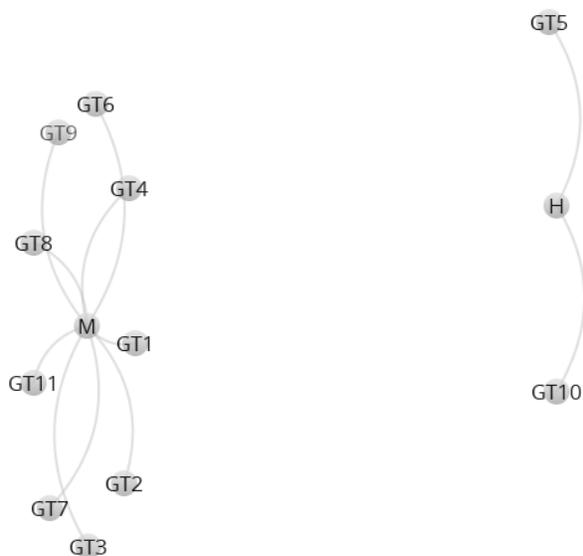
Pode-se considerar através dessa realidade que a mulher, tendo mais cargos de liderança que os homens dentro das universidades, também são detentoras da maior parte do capital científico e por isso podem ter chegado a esses cargos, esse quadro ressalta que há uma dominação das mulheres no campo científico da Ciência da Informação.

Assim como proposto na pesquisa, também foram averiguados os líderes dos Grupos de Trabalho do ENANCIB, o que leva a descrição dos dados do gênero em maior número na liderança dos grupos de pesquisa na área, isto é, o gênero com maior autoridade científica. Através do portal de eventos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) é possível ter acesso aos grupos de pesquisa e temas do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Dos líderes desses grupos o Portal da ANCIB disponibiliza os coordenadores separadamente nas gestões de 2013-2014 e 2015-

2016. O Quadro 3 dispõe os coordenadores dos anos de 2013-2014 e o Quadro 4 os coordenadores de 2015-2016.

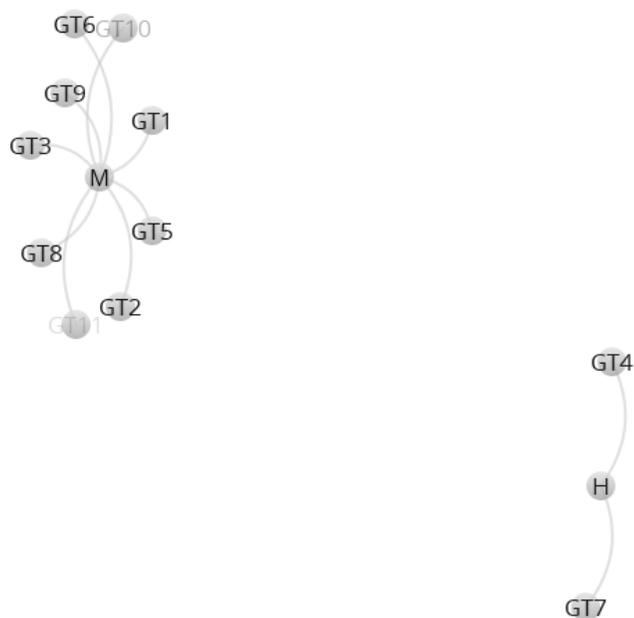
Os grafos 3 e 4 ilustram que coincidentemente, nos últimos 4 anos dentre os 11 grupos de trabalho, 9 são liderados por mulheres e 2 são liderados por homens.

**Grafo 3:** Coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB 2013-2014



**Fonte:** Portal da ANCIB (2015)

**Grafo 4:** Coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB 2015-2016



**Fonte:** Portal da ANCIB (2015)

O resultado desse estudo elucida que, o campo da Ciência da Informação tem ainda uma grande participação feminina, sendo elas a maioria do corpo docente e das posições de liderança nas universidades e nos Grupos de Trabalho do ENANCIB. Portanto, as mulheres são detentoras da maioria do capital científico e do poder simbólico que circunda o campo científico na Ciência da Informação. Pode-se determinar que um dos fatores para essa realidade, como dito anteriormente, pode se dar ao fato da Ciência da Informação fazer parte das Ciências Sociais, que comprovadamente por esse estudo, historicamente são áreas dominadas por mulheres.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo aporte teórico e empírico levantados para essa pesquisa, pode-se observar, portanto, que a mulher em maior número nas posições de liderança no campo da Ciência da Informação, dada suas posições políticas determinam os encaminhamentos teóricos epistemológicos do campo.

Levando-se em consideração toda informação, o estudo confirma o que aponta Silva (2008), por isso pode-se afirmar que a Ciência da Informação reproduz o comportamento dos cursos das Ciências Humanas e Sociais, marcados historicamente pela participação massiva de mulheres.

O resultado traz ao raciocínio os seguintes questionamentos: Sendo a mulher o gênero em maior número na autoridade científica do campo, pode-se levar em consideração o conceito de dominação masculina nesse caso? Segundo Bourdieu vivemos em uma ordem social hierarquizada, no caso do cenário da Ciência da Informação pode-se afirmar que o quadro seria reverso ao apresentado por Bourdieu. Pode-se dizer que no futuro a sociedade mude os paradigmas de sua ordem social.

É preciso pensar essas questões e trazer a discussão para a área acadêmica, entender a sociedade é entender o meio em que se vive de fato é necessário, que se incentive o estudo de gênero em outras áreas do conhecimento para que se possa abrir uma discussão mais ampla sobre o assunto. Apesar da segregação e o preconceito que a mulher enfrenta em algumas áreas, hoje a participação feminina no mercado de trabalho possui um número expressivo.

É também descrito no estudo que áreas dominadas por mulheres, geralmente são as de menor prestígio, sendo inferiorizadas com relação às áreas dominadas por homens. Ferreira (2013) questiona se a desvalorização da Ciência da Informação, não ocorre pelo fato de ser uma área com maior presença feminina.

Como discutido, os estudos de gênero ainda são escassos e difíceis de serem encontrados. Por essa razão, a relação de gênero deve ser estudada para o entendimento das relações da sociedade, a ampliação desses estudos permitirá um menor desequilíbrio social. Portanto, a Ciência da Informação em se tratando de uma área interdisciplinar que visa à disseminação do conhecimento têm a responsabilidade de encabeçar essa luta em prol não só da igualdade de gêneros bem como a igualdade social.

## 7 REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: Informação e documentação: Trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro, ago. 2011. 11 p.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**: Informação e Documentação: Referências. Rio de Janeiro, ago. 2002. 24 p.

\_\_\_\_\_. **NBR 6027**: Informação e Documentação: Sumário. Rio de Janeiro, dez. 2012. 3 p.

\_\_\_\_\_. **NBR 6024**: Informação e Documentação: Numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, fev. 2012. 4 p.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: Informação e Documentação: Resumo. Rio de Janeiro, Nov. 2003. 2 p.

ANCIB. **Grupos de trabalho: ENANCIB**. Disponível em: <<http://gtANCIB.fci.unb.br/>>. Acesso em: ago. 2015.

BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. **Ucinet for Windows**: Software for Social Network Analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies. 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bestbolso, 2014. 172p.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu - Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989. 311p.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna S. do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial, p. 199-214, dez. 2012.

CAPES. **Cursos de pós-graduação recomendados em Ciência da Informação**. Disponível em: <[www.conteudoweb.CAPES.gov.br](http://www.conteudoweb.CAPES.gov.br)>. Acesso em: ago. 2015.

CARVALHO, Lidiane dos Santos. **Informação e genética humana: o sequenciamento de uma cultura científica**. 2014. 234 f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio do Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação. Rio de Janeiro. 2014.

DIAS, Karla Cristina de Oliveira; LIMA, Francisca Rosimere Alves de. **Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em ciência da informação**. XV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação (EREBD). Juazeiro do Norte: UFC, jan. 2012.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**. Porto Alegre, v.14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, maio/ago. 2003.

LETA, Jacqueline. As Mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003.

LOURO, G. L. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. **Projeto História (PUCSP)**, São Paulo, v. 11, p. 31-46, nov. 1994.

LUCENA, Juliana Rodrigues de Lima. Intelectualismo feminista e pós-feminista: a entrada das mulheres na ciência a partir dos estudos de gênero. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (anais eletrônicos)**, Florianópolis, 2013.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social (Online)**, v. 5, p. 68-77, 2012.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Relações de gênero, ciência e tecnologia: uma revisão da bibliografia nacional e internacional. **Educação, gestão e sociedade: revista da faculdade Eça de Queirós**, v. 3, n. 12, nov. 2013. Disponível em: <[www.faceq.edu.br/regs](http://www.faceq.edu.br/regs)>

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-79, jul./dez. 1995.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. A (in)visibilidade das mulheres no campo científico. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, n. 30, p. 133-148, jun. 2008.

VELHO, Léa; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu (UNICAMP)**, Campinas, v. 10, p.309-344, 1998.

WACQUANT, Loïc. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos estud. - CEBRAP [online]**, n.96, p. 87-103, 2013.

**ANEXO A – Quadro 1: Docentes dos cursos de pós-graduação recomendados pela CAPES**

<b>Relação de docentes em cursos de Pós Graduação - CAPES</b>				
<b>DOCENTES</b>	<b>H</b>	<b>M</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>UF</b>
Adriana Olinto Ballesté			Unirio	RJ
Alberto Calil			Unirio	RJ
Elisa Machado			Unirio	RJ
Geni Chaves			Unirio	RJ
Icléia Thiesen			Unirio	RJ
Marcos Miranda			Unirio	RJ
Nanci Oddone			Unirio	RJ
Patrícia Alencar			Unirio	RJ
Vera Dodebei			Unirio	RJ
Simone Weitzel			Unirio	RJ
Aida Varela			UFBA	BA
Ana Paula de Oliveira Villalobos			UFBA	BA
Henriette Ferreira Gomes			UFBA	BA
Hildenise Ferreira Novo			UFBA	BA
Isa Maria Freira			UFBA	BA
José Maria Jardim			UFBA	BA
Jussara Borges de Lima			UFBA	BA
Kátia de Carvalho			UFBA	BA
Lídia Brandão Toutain			UFBA	BA
Maria Isabel de Jesus Sousa			UFBA	BA
Maria Teresa Navarro de Britto Matos			UFBA	BA
Maria Yêda F.S. de Filgueiras Gomes			UFBA	BA
Nanci Elizabeth Oddone - UNIRIO			UFBA	BA
Nídia Nubisco			UFBA	BA
Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva			UFBA	BA
Zeny Duarte			UFBA	BA
Bernardina Juvenal Freire de Oliveira			UFPB/J.P	PB
Carlos Xavier de Azevedo Netto			UFPB/J.P	PB
Dulce Amélia de Brito Neves			UFPB/J.P	PB
Edberto Ferneda (Colaborador) - UNESP			UFPB/J.P	PB
Edvaldo Carvalho Alves			UFPB/J.P	PB
Francisca Arruda Ramalho			UFPB/J.P	PB
Guilherme de Ataíde Dias			UFPB/J.P	PB
Izabel França de Lima			UFPB/J.P	PB
José Mauro Matheus Loureiro - UFRJ			UFPB/J.P	PB
Marckson Roberto Ferreira de Sousa			UFPB/J.P	PB
Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque			UFPB/J.P	PB
Mirian de Albuquerque Aquino			UFPB/J.P	PB
Virgínia Bentes Pinto (Colaborador)			UFPB/J.P	PB
Alzira Karla Araújo da Silva			UFPB/J.P	PB

Carlo Gabriel Porto Bellini			UFPB/J.P	PB
Edivanio Duarte de Souza (Colaborador) - UFAL			UFPB/J.P	PB
Emeide Nóbrega Duarte			UFPB/J.P	PB
Gustavo Henrique de Araujo Freire			UFPB/J.P	PB
Isa Maria Freire			UFPB/J.P	PB
Joana Coeli Ribeiro Garcia			UFPB/J.P	PB
Julio Afonso Sá de Pinho Neto			UFPB/J.P	PB
Maria das Graças Targino - UFPI			UFPB/J.P	PB
Simone Bastos Paiva (Colaborador)			UFPB/J.P	PB
Wagner Junqueira de Araújo			UFPB/J.P	PB
Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia			UFPE	PE
André Felipe de Albuquerque Fell			UFPE	PE
Fábio Assis Pinho			UFPE	PE
Fábio Mascarenhas e Silva			UFPE	PE
Gilda Maria Whitaker Verri			UFPE	PE
Leilah Santiago Bufrem			UFPE	PE
Marcos Galindo Lima			UFPE	PE
Maria Cristina Guimarães Oliveira			UFPE	PE
Nadi Helena Presser			UFPE	PE
Raimundo Nonato Macedo dos Santos			UFPE	PE
Renato Fernandes Correa			UFPE	PE
Sandra de Albuquerque Siebra			UFPE	PE
Carlos Xavier de Azevedo Netto (Colaborador) - UFPB			UFPE	PE
Joana Coeli Ribeiro Garcia (Colaborador) - UFPB			UFPE	PE
Lourival Holanda (Colaborador)			UFPE	PE
Piotr Trzesniak (Visitante)			UFPE	PE
Ana Cristina Albuquerque			UEL	PR
Benjamin Luiz Franklin			UEL	PR
Brígida Maria Nogueira Cervantes			UEL	PR
Rosane S. A. Lunardell			UEL	PR
Silvana Drumond Monteiro			UEL	PR
Adriana Rosecler Alcará			UEL	PR
Letícia Gorri Molina			UEL	PR
Linete Bartalo			UEL	PR
Maria Inês Tomaél			UEL	PR
Sueli Bortolin			UEL	PR
Eduardo Ismael Murguía Marañon			UFF	RJ
Lídia Silva de Freitas			UFF	RJ
Lucia Maria Velloso de Oliveira			UFF	RJ
Mara Eliane Fonseca Rodrigues			UFF	RJ
Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima			UFF	RJ
Maria Nélida González de Gomez			UFF	RJ
Nanci Gonçalves da Nóbrega			UFF	RJ
Vera Lúcia Alves Breglia			UFF	RJ

Vitor Manoel Marques da Fonseca			UFF	RJ
Ana Célia Rodrigues			UFF	RJ
Carlos Henrique Marcondes			UFF	RJ
Elisabete Gonçalves de Souza			UFF	RJ
Leonardo Cruz da Costa			UFF	RJ
Maria Luíza de Almeida Campos			UFF	RJ
Regina de Barros Cianconi			UFF	RJ
Rodrigo de Sales			UFF	RJ
Rosa Inês de Novais Cordeiro			UFF	RJ
Sandra Lúcia Rebel Gomes			UFF	RJ
Adilson Luiz Pinto			UFSC	SC
Angel Freddy Godoy Viera			UFSC	SC
Clarice Fortkamp Caldin			UFSC	SC
Edna Lucia Da Silva			UFSC	SC
Elizete Vieira Vitorino			UFSC	SC
Francisco Das Chagas De Souza			UFSC	SC
Gregorio Jean Varvakis Rados			UFSC	SC
Ligia Maria Arruda Café			UFSC	SC
Magda Teixeira Chagas (Colaborador)			UFSC	SC
Miriam Figueiredo Vieira Da Cunha			UFSC	SC
Marisa Brascher Basilio Medeiros			UFSC	SC
Moisés Lima Dutra			UFSC	SC
Márcio Matias			UFSC	SC
Rosangela Schwarz Rodrigues			UFSC	SC
Ursula Blattmann (Colaborador)			UFSC	SC
Vinícius Medina Kern			UFSC	SC
William Barbosa Vianna (Colaborador)			UFSC	SC
Asa Fujino			USP	SP
Daisy Pires Noronha			USP	SP
José Fernando Modesto da Silva			USP	SP
Marcelo dos Santos			USP	SP
Marcos Mucheroni			USP	SP
Rogério Mugnaini			USP	SP
Sueli Mara Soares Pinto Ferreira			USP	SP
Waldomiro de Castro Santos Vergueiro			USP	SP
Edmir Perrotti			USP	SP
Giulia Crippa			USP	SP
Ivete Pieruccini			USP	SP
Lúcia Maciel B. de Oliveira			USP	SP
Marco Antonio de Almeida			USP	SP
Johanna Wilhelmina Smit			USP	SP
Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo			USP	SP
Marilda Lopes Ginez de Lara			USP	SP
Nair Yumiko Kobashi			USP	SP

Vânia Mara Alves Lima			USP	SP
Ângela Maria Grossi de Carvalho			UNESP/Marília	SP
Bárbara Fadel (Colaborador)			UNESP/Marília	SP
Carlos Cândido de Almeida			UNESP/Marília	SP
Cláudio Marcondes de Castro Filho			UNESP/Marília	SP
Daniel Martinez-Ávila			UNESP/Marília	SP
Edberto Ferneda			UNESP/Marília	SP
Ely Francina Tannuri de Oliveira			UNESP/Marília	SP
Glória Georges Feres			UNESP/Marília	SP
Helen de Castro Silva Casarin			UNESP/Marília	SP
João Batista Ernesto de Moraes			UNESP/Marília	SP
José Augusto Chaves Guimarães			UNESP/Marília	SP
José Eduardo Santarem Segundo			UNESP/Marília	SP
Leilah Santiago Bufrem			UNESP/Marília	SP
Lídia Eugênia Cavalcante			UNESP/Marília	SP
Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano			UNESP/Marília	SP
Maria Cláudia Cabrini Gracio			UNESP/Marília	SP
Maria José Vicentini Jorente			UNESP/Marília	SP
Maria Leandra Bizello			UNESP/Marília	SP
María Manuela Moro Cabrero (Colaborador)			UNESP/Marília	SP
Mariângela Spotti Lopes Fujita			UNESP/Marília	SP
Marta Lígia Pomim Valentim			UNESP/Marília	SP
Oswaldo Francisco de Almeida Júnior			UNESP/Marília	SP
Plácida L. V. A. Costa Santos			UNESP/Marília	SP
Regina Célia Baptista Belluzzo			UNESP/Marília	SP
Ricardo Cesar Gonçalves Sant'Ana			UNESP/Marília	SP
Rosângela Formentini Caldas			UNESP/Marília	SP
Silvana Ap. B. Gregorio Vidotti			UNESP/Marília	SP
Telma Campanha de Carvalho Madio			UNESP/Marília	SP
Virgínia Bentes Pinto			UNESP/Marília	SP
Walter Moreira			UNESP/Marília	SP
Aldo de Albuquerque Barreto			UFRJ/IBICT	RJ
Alfredo Tiomno Tolmasquim			UFRJ/IBICT	RJ
Ana Maria Barcellos Malin			UFRJ/IBICT	RJ
Clóvis Ricardo Montenegro de Lima			UFRJ/IBICT	RJ
Eloisa da Conceição Príncipe de Oliveira			UFRJ/IBICT	RJ
Fabio Castro Gouveia			UFRJ/IBICT	RJ
Geraldo Moreira Prado			UFRJ/IBICT	RJ
Gustavo Silva Saldanha			UFRJ/IBICT	RJ
Ivan Capeller			UFRJ/IBICT	RJ
Jacqueline Leta			UFRJ/IBICT	RJ
Jorge Calmon de Almeida Biolchini			UFRJ/IBICT	RJ

Lena Vania Ribeiro Pinheiro			UFRJ/IBICT	RJ
Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti			UFRJ/IBICT	RJ
Maria Cecília Magalhães Mollica			UFRJ/IBICT	RJ
Maria Nelida Gonzalez de Gómez			UFRJ/IBICT	RJ
Ricardo Medeiros Pimenta			UFRJ/IBICT	RJ
Rosali Fernandez de Souza			UFRJ/IBICT	RJ
Rose Marie Santini			UFRJ/IBICT	RJ
Arthur Coelho Bezerra			UFRJ/IBICT	RJ
Gilda Olinto			UFRJ/IBICT	RJ
Giuseppe Mario Cocco			UFRJ/IBICT	RJ
Liz-Rejane Issberner			UFRJ/IBICT	RJ
Marco André Feldman Schneider			UFRJ/IBICT	RJ
Marcos Dantas			UFRJ/IBICT	RJ
Maria Lucia Álvares Maciel			UFRJ/IBICT	RJ
Regina Maria Marteleto			UFRJ/IBICT	RJ
Sarita Albagli			UFRJ/IBICT	RJ
Ana Lúcia de Abreu Gomes			UNB	DF
Angélica Alves da Cunha Marques			UNB	DF
André Porto Ancona Lopez			UNB	DF
Antônio Lisboa Carvalho de Miranda			UNB	DF
Cláudio Gottschalg Duque			UNB	DF
Cynthia Roncaglio			UNB	DF
Dulce Maria Baptista			UNB	DF
Eliane Braga Oliveira			UNB	DF
Elmira Luzia Melo Soares Simeão			UNB	DF
Emir José Suaiden			UNB	DF
Fernanda Passini Moreno			UNB	DF
Fernando César Lima Leite			UNB	DF
Georgete Medleg Rodrigues			UNB	DF
Ivette Kafure Muñoz			UNB	DF
Jayme Leiro Vilan Filho			UNB	DF
Jorge Henrique Cabral Fernandes			UNB	DF
Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque			UNB	DF
Lillian Maria Araújo de Rezende Alvares			UNB	DF
Mamede Lima-Marques			UNB	DF
Maria Margaret Lopes			UNB	DF
Miriam Paula Manin			UNB	DF
Murilo Bastos da Cunha			UNB	DF
Renato Tarciso Barbosa de Sousa			UNB	DF
Rogério Henrique de Araújo Júnior			UNB	DF
Sely Maria de Souza Costa			UNB	DF
Sofia Galvão Baptista			UNB	DF
Sueli Angélica do Amaral			UNB	DF
Suzana Pinheiro Machado Mueller			UNB	DF
Fernando William da Cruz (Colaborador)			UNB	DF

Kira Tarapanoff (Colaborador)			UNB	DF
Luciana Sepúlveda Köptcke (Colaborador)			UNB	DF
Marisa Brascher Basílio de Medeiros (Colaborador)			UNB	DF
Rosemeire Barbosa Tavares (Colaborador)			UNB	DF
Tarcísio Zandonade (Colaborador)			UNB	DF
Wilfred Fabian Rivera Martinez (Colaborador)			UNB	DF
Adriana Bogliolo Sirihal Duarte			UFMG	MG
Alcenir Soares dos Reia			UFMG	MG
Beatriz Valadares Cendón			UFMG	MG
Bernadete Santos Campello			UFMG	MG
Carlos Alberto Ávila Araújo			UFMG	MG
Cátia Rodrigues Barbosa			UFMG	MG
Cláudio Paixão Anastácio de Paula			UFMG	MG
Cristina Dotta Ortega			UFMG	MG
Dalgiza Andrade Oliveira			UFMG	MG
Gercina Ângela Borém de Oliveira Lima			UFMG	MG
Lídia Alvarenga			UFMG	MG
Marcello Peixoto Bax			UFMG	MG
Maria Aparecida Moura			UFMG	MG
Maria Guimar da Cunha Frota			UFMG	MG
Marlene Oliveira Teixeira de Melo			UFMG	MG
Marta Araújo Tavares Ferreira			UFMG	MG
Maurício Barcellos Almeida			UFMG	MG
Mônica Erichsen Nassif			UFMG	MG
Renata Maria Abrantes Baracho Porto			UFMG	MG
Renato Pinto Venâncio			UFMG	MG
Renato Rocha Souza			UFMG	MG
Ricardo Rodrigues Barbosa			UFMG	MG
Rubens Alves da Silva			UFMG	MG
Dagobert Soergel (Colaborador)			UFMG	MG
Helena Maria Tarchi Crivellari (Colaborador)			UFMG	MG
Lígia Maria Moreira (Colaborador)			UFMG	MG
Maria da Conceição Carvalho (Colaborador)			UFMG	MG
Marta Macedo Kerr Pinheiro (Colaborador)			UFMG	MG
Delsi Fries Davok			UDESC	SC
Divino Ugnacio Ribeiro Junior			UDESC	SC
Elaine Rosangela de Oliveira Lucas			UDESC	SC
Gisela Eggert Steindel			UDESC	SC
Jordan Paulesky Juliani			UDESC	SC
José Cláudio Morelli Matos			UDESC	SC
Julibio David Ardigo			UDESC	SC
Júlio da Silva Dias			UDESC	SC
Lourival José Martins Filho			UDESC	SC
Marcia Silveira Kroeff			UDESC	SC

Ana Maria Pereira (Colaborador)			UDESC	SC
Elisa Cristina Delfini Corrêa (Colaborador)			UDESC	SC
Fernanda de Sales (Colaborador)			UDESC	SC
Beatriz Kushnir			Unirio-Arq	RJ
João Marcus Figueiredo Assis			Unirio-Arq	RJ
José Maria Jardim			Unirio-Arq	RJ
Luiz Cleber Gak			Unirio-Arq	RJ
Paulo Elian dos Santos			Unirio-Arq	RJ
Priscila Ribeiro Gomes			Unirio-Arq	RJ
Aline Lopes de Lacerda			Unirio-Arq	RJ
Ana Celeste Indolfo			Unirio-Arq	RJ
Anna Carla Almeida Mariz			Unirio-Arq	RJ
Eliezer Pires da Silva			Unirio-Arq	RJ
Maria Celina Soares de Mello e Silva			Unirio-Arq	RJ
Sérgio Conde de Albite Silva			Unirio-Arq	RJ
Flávio Leal da Silva (Colaborador)			Unirio-Arq	RJ
Luciana Heymann (Colaborador)			Unirio-Arq	RJ
Junia Guimarães e Silva (Colaborador)			Unirio-Arq	RJ
Paulo Knauss (Colaborador)			Unirio-Arq	RJ
Daniel Flores (Colaborador)			Unirio-Arq	RJ
Total	107	172		

\*Aguardando homologação pelo CNE

Fonte: CAPES (2015)

**ANEXO B – Quadro 2: Coordenadores dos cursos de pós-graduação**

<b>Relação de Coordenadores dos Cursos de Pós-Graduação</b>			
<b>Instituição</b>	<b>Coordenadores</b>	<b>H</b>	<b>M</b>
UNIRIO	Alberto Calil Junior	1	0
UFBA	Zeny Duarte	0	1
UFPB	Carlos Xavier de Azevedo Netto	1	0
UFPE	Fabio Assis Pinho	1	0
UEL	Silvana Drumond Monteiro	0	1
UFF	Regina de Barros Cianconi	0	1
UFSC	Rosângela Schwarz Rodrigues	0	1
USP	Marcelo dos Santos	1	0
UNESP	Maria Cláudia Cabrini Grácio	0	1
UFRJ	Jacqueline Leta	0	1
UNB	Georgete Medleg Rodrigues	0	1
UFMG	Beatriz Valadares Cendón	0	1
UDESC	Delsi Davok	0	1
UNIRIO-Arq	Eliezer Pires da Silva	1	0
<b>Total</b>		<b>5</b>	<b>9</b>

Fonte: CAPES (2015)

**ANEXO C – Quadro 3: Coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB – 2013/2014**

<b>Coordenação dos GTs do ENANCIB 2013/2014</b>			
<b>Grupo</b>	<b>Coordenador</b>	<b>H</b>	<b>M</b>
GT1	Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Icléia Thiesen	0	1
GT2	Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Brígida Maria Nogueira Cervantes	0	1
GT3	Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Giulia Crippa	0	1
GT4	Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Emeide Nóbrega Duarte	0	1
GT5	Prof. Dr. Clóvis Montenegro de Lima	1	0
GT6	Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Aida Varela	0	1
GT7	Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Leilah Santiago Bufrem	0	1
GT8	Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Plácida Amorim da Costa Santos	0	1
GT9	Dr <sup>ª</sup> Luisa M. G. de Mattos Rocha	0	1
GT10	Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto	1	0
GT11	Dr <sup>ª</sup> Maria Cristina Soares Guimarães	0	1
<b>Total</b>		<b>2</b>	<b>9</b>

Fonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação- ANCIB (2015)

**ANEXO D – Quadro 4: Coordenadores dos Grupos de Trabalho do ENANCIB – 2015/2016**

<b>Coordenação dos GTs do ENANCIB 2015/2016</b>			
<b>Grupo</b>	<b>Coordenador</b>	<b>H</b>	<b>M</b>
GT1	Profª Drª Isa Maria Freire		
GT2	Profª Drª Brígida Maria Nogueira Cervantes		
GT3	Profª Drª Giulia Crippa		
GT4	Prof. Dr. Ricardo Rodrigues Barbosa		
GT5	Profª Drª Terezinha Elisabeth da Silva		
GT6	Profª Drª Asa Fujino		
GT7	Prof. Dr. Fábio Mascarenhas e Silva		
GT8	Profª Drª Plácida Amorim da Costa Santos		
GT9	Drª Luisa M. G. de Mattos Rocha		
GT10	Profª Drª Bernardina Juvenal Freire de Oliveira		
GT11	Drª Maria Cristina Soares Guimarães		
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>9</b>

**Fonte:** Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação- ANCIB (2015)